

Uma singular obra de azulejaria barroca em Setúbal

Ana Margarida PORTELA *

Francisco QUEIROZ **

Como é sabido, antes do século XIX os mortos eram normalmente inumados no interior das igrejas, embora uma verdadeira geografia exaustiva dos locais de inumação no Portugal setecentista esteja ainda por fazer. Estamos certos que uma investigação desse género daria resultados muito interessantes e, provavelmente, faria destrinçar áreas de comportamentos pós-morte diferenciados no território português. Serve também este lamento para esclarecer que a ausência de uma verdadeira história dos locais de inumação em Portugal anteriores aos cemitérios modernos oitocentistas cerceia bastante a completa compreensão da obra que nos propusemos abordar.

Todos os dados disponíveis apontam para que, no século XVIII, qualquer tipo de igreja, convento ou capela possuísse geralmente uma anexa função de enterramento. Esta função poderia ser junto ao portal de entrada, no adro ou mesmo no interior do templo, de acordo com hierarquias sociais óbvias, mas ainda não suficientemente esmiuçadas.

As misericórdias, como entidades religiosas detentoras de templos, davam também sepultura no interior dos mesmos, sobretudo a benfeitores, que foram muitos, dada a generalização dos legados pios no Portugal católico.

Porém, uma das principais funções das misericórdias era gerir hospícios e hospitais, enfim, assistir os mais pobres. Ora, quem falecia nos hospitais das misericórdias era o estrato mais baixo da sociedade, aqueles que – numa situação normal – não pagavam a sepultura. Por essa razão, viam-se muitas vezes relegados para os adros junto aos próprios hospitais, até para não encarecer o transporte dos cadáveres. Ou seja, a sepultura no interior das igrejas da misericórdia estava condicionada ao factor económico.

Estes adros muitas vezes eram designados como cemitérios, porque eram ao ar livre e porque nem sempre possuíam uma capela ou igreja anexa. Aliás, este foi o caso dos cemitérios dos hospitais de Lisboa e Porto que chegaram ao século XIX.

Sobretudo a partir do século XVIII, com a cada vez maior preocupação de higienistas com a salubridade urbana, alguns hospitais das misericórdias foram gradualmente sendo re-localizados mais para fora de muros, acabando por ficar longe das respectivas igrejas.

* Investigadora em História da Arte.

** Escola Superior Artística do Porto.

Assim se percebe porque razão algumas misericórdias portuguesas acabariam por ser das primeiras entidades religiosas em Portugal a possuir locais de enterramento permanente fora das suas igrejas. Contudo, estes locais de enterramento não eram cemitérios como hoje os entendemos: não possuíam geralmente portal nobre e muros altos e sólidos, que afastassem animais e intrusos e dessem protecção aos cadáveres, a mesma protecção que dava o interior das igrejas. Mas, mais importante que isso, os recintos destes cemitérios não eram arruados e, também por isso, não estavam preparados para a construção de monumentos: não só porque a generalização da arquitectura de memória só viria a surgir em Portugal um século depois, mas também porque os pobres que faleciam em hospitais não tinham meios para mandar erigir monumentos. Por isso mesmo faleciam nos hospitais e tinham direito a sepultura gratuita.

Assim, estes cemitérios das misericórdias eram meros terrenos de inumação ao ar livre, sem qualquer dignidade, facilmente devassados por cães e outros animais domésticos. É neste contexto que temos de entender o Cemitério da Misericórdia de Setúbal.

O Cemitério da Misericórdia de Setúbal foi estabelecido no extremo leste da cidade, numa zona elevada, junto a um antigo baluarte defensivo seiscentista. Note-se que a Igreja da Misericórdia de Setúbal ficava bem no centro da cidade, a cota baixa, em local de grande aglomeração de habitações. Teria sido essa a razão para a construção de um novo cemitério afastado do centro da urbe, embora viesse a ficar junto (ou mesmo já dentro) da cerca de um convento?



Portal de entrada do Cemitério da Misericórdia de Setúbal

Independentemente das razões que levaram a Misericórdia de Setúbal a estabelecer um cemitério afastado do centro urbano de Setúbal e independentemente da sua relação com um eventual hospital, é certo que este cemitério não foi projectado para ser moderno. Aliás, nem sequer do século XIX ali hoje existem monumentos! Foi certamente um cemitério para pobres.

Porém, este cemitério teve alguma nobilitação, o que o torna relevante. De facto, levou bons muros de alvenaria e um portal.

Fernando António Baptista Pereira, no seu trabalho “*Para uma iconologia da morte em Portugal no período barroco*” refere que este cemitério foi fundado por volta de 1777, mas sem o documentar ¹. No local, pudemos constatar que este cemitério é bem mais antigo.

No portal existe uma inscrição de leitura algo difícil mas que cremos aludir à construção do cemitério debaixo da Mesa presidida pelo Provedor Manuel de Cabedo de Vasconcelos da Cunha e pelo Escrivão João Peres de Macedo e Sousa, no ano de 1703-1704. Trata-se de uma data bastante recuada. Será o portal dessa época? Supomos que não e que a inscrição tenha sido colocada mais tarde a título de memória aos promotores do cemitério. Assim, a nobilitação do cemitério com o portal hoje existente deverá ser da década de 1770 e não da época de construção do cemitério, em 1703-1704. De facto, o portão de ferro ostenta a data de 1774.

Este portal será talvez o mais antigo para uso exclusivo de um cemitério permanente ao ar livre hoje existente em Portugal. O coroamento é ainda de carácter barroco: uma espécie de frontão curvo interrompido, coroadado por uma pedra em lioz que levou a inscrição. O portão, em ferro forjado, ostenta as armas da Misericórdia de Setúbal na bandeira, flanqueadas por ornatos que – de forma estilizada – sugerem o monograma “A.M.”, significando “Avé-Maria”. Curiosamente, o portal não possui elementos típicos da iconografia fúnebre barroca. Apenas é encimado por uma cruz em ferro forjado, forma de sacralização do local.

Por aquilo que chegou aos nossos dias, supomos que o Cemitério da Misericórdia de Setúbal nunca tenha levado verdadeiros arruamentos ou qualquer ordenação moderna no seu interior, até porque o terreno não possui sequer uma forma rectangular perfeitamente alinhada. Talvez existisse apenas um caminho que ia do portal até à cabeceira do cemitério.

Mas o aspecto mais interessante deste cemitério é o facto de ter sido nobilitado também no interior através de uma singular obra de azulejaria barroca. Trata-se de um conjunto de painéis de composição muito interessante e boa qualidade pictórica, que é sobretudo uma obra singular pelo contexto em que foi colocada.

Pelo facto de se situar hoje junto ao actual cemitério público de Setúbal, fazendo-se a sua entrada por local pouco visível e estando o seu portal primi-

¹ Cf. PEREIRA, Fernando António Baptista – *Para uma iconologia da morte em Portugal no período barroco*. In “Beira Alta”, vol. LIII, fascículos 3 e 4, Viseu, Assembleia Distrital de Viseu, 1994, p. 425.



Conjunto de painéis em azulejo do Cemitério da Misericórdia de Setúbal

tivo usualmente fechado e dando para um beco, os painéis de azulejos do Cemitério da Misericórdia de Setúbal são uma obra geralmente pouco conhecida dos investigadores do barroco. Porém, são referenciados pelos investigadores de história local, o que não quer dizer que estes painéis tenham até hoje sido devidamente valorizados. Talvez por isso se encontram em mau estado e sirvam de suporte ocasional para campas removidas, como se se tratassem de um mero muro de alvenaria.

Os painéis de azulejos são narrativos e contêm quatro cenas secundárias, que convergem para o painel central com a cena principal, numa leitura ascensional tipicamente barroca, reforçada pelo facto do conjunto se situar simetricamente em relação ao portal do cemitério.

Percebe-se claramente que estes painéis foram concebidos para sacralizar o local de enterramento, transformando o recinto antes nu numa espécie de igreja ao ar livre, até porque a forma do cemitério é trapezoidal e o lado mais curto é onde se situam os painéis de azulejos, qual capela-mor.

Assim, este conjunto de azulejaria é mais do que um conjunto de painéis, um altar ou um retábulo, pois congrega em si todas estas funções. É uma verdadeira recriação de uma capela-mor de igreja, simulando mesmo portas para sacristias que não existem.

À boa maneira barroca, este conjunto possui grande pendor cenográfico, não esquecendo os efeitos ilusionistas dos falsos portais e, sobretudo, a mensagem transmitida pelas cenas narrativas, apelando à piedade barroca que se impõe no caso de um cemitério onde os restos de católicos esperam o juízo final.

Este conjunto de belos azulejos à cabeceira do Cemitério da Misericórdia de Setúbal é claramente enquadrável no período rococó, pelo que será provavelmente da época do portão do cemitério, ou seja, de meados da década de 1770.

O conjunto apresenta-se em dois planos distintos. O primeiro é constituído por quatro cenas, duas de cada lado do altar, que se desenvolvem numa parede arredondada propositadamente colocada para aumentar o efeito cenográfico da perspectiva e quebrar a regularidade do muro da cabeceira do cemitério.

Cada grupo de duas cenas é separado por um falso portal, cujo recorte se evidencia acima das cenas que o flanqueiam. No fecho dos falsos portais existem dísticos em latim alusivos à inevitabilidade da morte, como o bem conhecido: “*lembra-te homem que és pó e em pó te hás-de tornar*”. Sobreposto a cada falsa porta existe outro elemento tipicamente barroco e muito utilizado na azulejaria de fachada: duas almas penam no purgatório, junto a uma cruz, e pedem um Pai Nosso e uma Avé-Maria.

As quatro cenas narrativas devem ser lidas duas a duas, começando primeiro pelas da direita, e sempre no sentido do altar. Assim, temos primeiro a cena da unção e morte. A notar o tecido onde repousa o defunto, que repete a mesma decoração *rocaille* dos próprios azulejos, e também a criança que acompanha o sacerdote com a caldeirinha, provavelmente algum menino exposto. Pela sua roupa, percebe-se que o finado é pobre: ninguém está presente na hora da sua morte, embora o altar improvisado, o crucifixo e a presença do sacerdote sejam o bastante para a obtenção de uma boa morte.

Na cena seguinte temos a preparação do esquife que conduzirá o cadáver ao cemitério. Aqui temos já mais gente, certamente confrades da Misericórdia, juntamente com alguns sacerdotes.

Do lado esquerdo, temos – na primeira cena – o préstito fúnebre em direcção ao cemitério. O finado é acompanhado pelos confrades da Misericórdia com os respectivos hábitos e varas, segurando um deles um painel processional representando a *Pietà*. Infelizmente, o painel está já bastante mutilado.

Finalmente, a cena iconograficamente mais interessante: o enterro. A notar a forma como o cemitério foi interpretado: um cemitério ao ar livre com portal



Painel do enterro – Cemitério da Misericórdia de Setúbal

enobrecido e altar à cabeceira, como o próprio Cemitério da Misericórdia de Setúbal, e com uma fileira de ciprestes a contorná-lo pelo exterior. Coisa muita rara na altura em Portugal.

Porém, os aspectos mais modernos desta cena logo são ensombrados pela tipologia de enterramento: no cemitério não existe representada qualquer estrutura tumular acima do solo. Antes são representados vestígios de ossos na terra retirada do coval recém-aberto. Ou seja, o cemitério é concebido para enterramento térreo apenas, e o cadáver é enterrado sem caixão.

As quatro cenas narrativas retratam claramente as razões deste cemitério: o enterramento dos pobres, que, apesar de tudo podiam manter igualmente a esperança na salvação: veja-se como os ofícios de sepultura são proferidos por mais do que um sacerdote, o que provavelmente não se passaria na realidade, tratando-se de um finado pobre. Novamente temos a mesma criança com a caldeirinha e o hissope e o coveiro está bastante apumado para o que seria a realidade.

Trata-se de uma cena que procura transformar a morte dos pobres em algo mais digno, rejeitando a realidade eventual da morte ignorada e desprezada dos que apenas tinham direito a uma sepultura benzida e pouco mais.

Aliás, a própria colocação deste conjunto azulejar no cemitério pode ter servido precisamente para inverter a conotação de pobreza do espaço fúnebre, dando-lhe mais dignidade. E que grande dignidade, tendo em conta o contexto da época e a aparente ausência de exemplos semelhantes que tenham chegado até nós. De facto, a complexidade da composição denota que não deve ter sido uma obra barata. A Misericórdia gastou certamente bastante na nobilitação de um tipo de cemitério que, numa situação normal, não atrairia facilmente vontade de melhoramentos.

O altar situa-se no plano de fundo e, como em qualquer igreja ou capela, possui o seu frontal, a sua cruz e o conjunto retabólico. Como forma de enobrecimento, este conjunto é mais elevado e recorta-se bem acima do muro, obtendo o movimento barroco tão desejado. É também o único local deste conjunto em que a monocromia violeta é enriquecida com as cores azul e dourado.

O requinte de alguns detalhes é evidente e até por detrás do coroamento do retábulo, já fora do recinto do cemitério, foi também colocado um pequeno painel de azulejos com as armas da Misericórdia. Qual a razão deste capricho de acabamento? Quem iria ver este painel se o outro lado do muro não confrontava com via pública? Muitas dúvidas permanecem ainda sobre esta obra.

A cruz do altar, em mármore e lioz, é de perfil bastante simplificado em comparação com o movimento das formas rococó dos azulejos. Porém, define no painel central as duas cenas celestiais, diferenciadas das restantes por azulejo pintado em azul: à esquerda, a Virgem da Misericórdia com o seu manto protector, aqui também na posição de intercessora das almas que penam no purgatório. À direita, S. Miguel pesando as almas.

Este retábulo em azulejo é profusamente ornado por molduras *rocaille*, com os seus concheados, elementos florais e querubins, havendo de cada lado uma composição com as armas da Misericórdia, a dourado, violeta e azul.



Altar do Cemitério da Misericórdia de Setúbal

O frontal, imitando tecido, com os galões em dourado, também possui as armas da Misericórdia a dourado, violeta e azul, de cada lado. Lateralmente, existe uma tabela a imitar marmoreado. Aliás, o efeito marmoreado está presente em quase toda a composição, até mesmo no frontal do altar da cena do enterro. Este efeito ilusionista aumenta a plasticidade decorativa tão tipicamente barroca, que elevou a azulejaria setecentista a um dos exemplos máximos do que o barroco português teve de melhor em termos artísticos.

Refira-se que estes painéis de azulejos influenciaram monumentos sepulcrais construídos muito mais tarde no próprio Cemitério de Setúbal, que lhe ficou contíguo. De facto, neste cemitério a percentagem de revestimentos a azulejo nos túmulos (alguns mesmo à maneira barroca) é muito superior à média nacional.

Por outro lado, da época da construção dos painéis de azulejos do Cemitério da Misericórdia de Setúbal, existirão em Portugal talvez apenas mais dois grandes exemplos de nobilitação artística barroca em outros cemitérios de concepção relativamente moderna para a época.

Um é o cemitério catacumbal da Ordem Terceira de S. Francisco, no Porto, bem conhecido da maioria dos historiadores de arte do barroco, com a sua talha dourada de transição do joanino para o rococó.

O outro exemplo, este bem menos conhecido (talvez menos que os próprios painéis de azulejos do Cemitério da Misericórdia de Setúbal) é o conjunto de túmulos barrocos existente no cemitério britânico de Lisboa – o mais antigo cemitério ao ar livre de carácter permanente existente hoje em Portugal.

Envolvidos por uma vegetação densíssima (alguns estão quase semi-enterados, tal o abandono a que foram sujeitos), estes túmulos acusam a influência do barroco português, sendo em alguns aspectos semelhantes a outros colocados no interior das igrejas portuguesas (que foram já objecto de uma comunicação no I Congresso Internacional do Barroco). Alguns destes túmulos, que vão do início da década de 1750 até meados da década de 1780, são também notáveis pela iconografia utilizada, muito semelhante à da época Georgiana na Grã-Bretanha. Contudo, já constatámos que alguns dos túmulos foram certamente baseados em tratadística de origem germânica.

Por tudo isto, temos nos painéis de azulejos do Cemitério da Misericórdia de Setúbal uma obra artística de bastante mérito e singularidade, não só pela sua qualidade intrínseca, mas sobretudo pelo seu contexto. Julgamos tratar-se de uma obra que merece mais estudo e mais atenção por parte dos historiadores da arte barroca, pois é talvez o facto de ser pouco conhecida e valorizada que mais faz perigar pela boa conservação desta obra no futuro.